

XIII Congresso Brasileiro de Sociologia

29 de maio a 1 de junho, UFPE, Recife (PE)

Grupo de Trabalho 15: Ocupações e Profissões

**Trabalho: Profissionais do Reino - um novo *ethos* católico na
universidade cearense**

Autor: Adilson Rodrigues da Nóbrega

Instituição: Universidade Federal do Ceará

e-mail: adilsonnobrega@hotmail.com

Introdução

Evangelizar na universidade é uma maneira de viver a graça de Deus aqui na UFC. Um modo de viver o Pentecostes na minha sala, no meu curso. Esta tarefa é urgente: é curto o tempo que você passa na universidade. Vá agora, pois daqui a pouco passa o seu tempo de evangelizar aqui.

Esta exortação a uma atuação evangelizadora na maior instituição de ensino superior do Estado do Ceará, a Universidade Federal do Ceará (UFC) foi feita por Ítalo¹, estudante do curso de Psicologia da mesma universidade, durante a primeira edição do Congresso Estadual de Estudantes Universitários Católicos Carismáticos do Ceará (CEUCC), realizado no auditório do Centro de Tecnologia do Campus do Pici da UFC.

Ítalo, um dos palestrantes selecionados para o momento de encerramento deste Congresso, é integrante de um grupo de oração, o *Ágape*, formado por seus companheiros de curso que partilham a fé católica. Assim como outros 656 grupos de oração universitários (GOUs) em diversas instituições de ensino superior brasileiras, o *Ágape* é integrante de um projeto da Renovação Carismática Católica (RCC) no Brasil voltado a evangelizar principalmente estudantes de nível superior, mas também professores e funcionários destes centros de ensino: o Ministério Universidades Renovadas (MUR).

Surgido em 1994 por iniciativa de Fernando Galvani, o *Mococa*, ex-acadêmico de Veterinária da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, o MUR chegou ao Ceará em 2002 e hoje possui nove GOUs em três universidades do Estado. Como meta de trabalho, o MUR pretende, através da evangelização, formar um novo modelo de profissional. Alguém que possa, por conta da vivência e formação católicas, dar uma contribuição diferenciada à sociedade, ter uma práxis profissional baseada em critérios mais éticos à luz da leitura carismática para o Evangelho. Um *profissional do reino*, como os próprios integrantes do Ministério denominam este modelo.

Este trabalho apresenta algumas considerações referentes à minha pesquisa de dissertação de mestrado², que procura identificar de que maneira pode se dar o surgimento de um novo *ethos* católico nas universidades cearenses a partir da atuação dos estudantes do MUR e seus grupos de oração. Como pano de fundo, a

¹ Utilizarei nomes fictícios para todos os integrantes dos grupos de oração pesquisados, como forma de preservar o anonimato dos mesmos.

² Para o programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará

idéia do referido *profissional do reino* e os questionamentos que me foram trazidos a partir desta noção. Em que este profissional se diferenciaria dos demais? Haveria uma ligação clara entre a formação religiosa para o surgimento de um novo *ethos* profissional, com conceitos próprios a respeito de ética e vocação profissional?

Além disso, tendo conhecimento de como se dão os processos de construção identitária na fé carismática, da formação de um *ethos* tido como distante de uma boa parte dos jovens que partilham o ambiente acadêmico com os estudantes carismáticos, seria razoável supor que tais valores e hábitos também influenciariam este mesmo *ethos* profissional?

Para esta investigação, procurei visitar e acompanhar os ritos e práticas de três GOUs, cada um em um diferente *campus* da UFC: o *Guerreiros*, composto por estudantes de diversos cursos do Campus do Pici (que concentra cursos das áreas de Ciências Agrárias e Exatas); o *Balsamum*, grupo de estudantes de Medicina do Campus de Porangabuçu (que reúne os cursos da área de Saúde); o referido *Ágape*, do curso de Psicologia da UFC, do Campus do Benfica (Ciências Humanas).

Além destes três grupos, cada um representante de diferentes áreas do conhecimento, pesquisei em paralelo um grupo de oração da comunidade Shalom formado por universitários, o *Qadosh*, que me permitiu fornecer dados importantes sobre a relação entre a formação religiosa e a construção da identidade de jovens católicos carismáticos. Outra tarefa minha foi ler o livro *Dai-lhes Vós Mesmos de Comer* de autoria uma das conselheiras nacionais do Ministério, a jornalista e professora universitária Ivna Sá dos Santos, leitura recomendada pelos próprios integrantes do MUR para compreensão do que seria o *profissional do reino*.

As noções apresentadas pelo livro serviram de parâmetro para que eu começasse a identificar que modelo de ética profissional estaria presente nesta definição, o que, evidentemente, só ficou mais claro após as informações da pesquisa de campo. Seguindo esta seqüência de raciocínio, apresentarei, inicialmente, uma tentativa de descrição densa dos grupos de oração universitários para, em seguida, analisar as informações mais importantes que a pesquisa empírica me trouxe para a análise da figura do *profissional do reino*.

Os Grupos de Oração Universitários (GOUs)

Ao iniciar a análise dos GOUs uma das minhas primeiras indagações foi a se seguiriam eles os mesmos padrões rituais da maioria dos grupos de oração da Renovação Carismática Católica. A resposta, por parte até mesmo de lideranças do Ministério Universidades Renovadas no Ceará, é não. E a observação deixa isso muito claro.

A proposta em âmbito nacional do MUR é de que os GOUs tenham em média, meia hora de duração, não ultrapassando uma hora. No caso dos grupos aqui pesquisados, as reuniões ocorrem sempre em salas de aula que logo a seguir, são ocupadas por professores e alunos, o que requer ainda mais atenção à brevidade do tempo.

Tal característica não pode deixar de ser mencionada, quando se observa a duração geralmente destinada a grupos de oração. No Projeto Juventude da comunidade Shalom, onde desenvolvi algumas das etapas da minha pesquisa, vemos, por exemplo, que os grupos se reúnem durante duas horas, em média. Assim é em uma boa parte de outras comunidades no Ceará. “Essa questão do tempo nos levou a uma dinâmica diferente, em que tivemos, no início, dificuldades para trabalhar. A maioria estava habituada a grupos com maior duração”, reconhece André, fundador do MUR no Ceará.

Quais as soluções encontradas, então, para que o período de tempo não atrapalhasse as atividades? A observação de cada um dos GOUs pesquisados até o momento, oferece múltiplas respostas: cada um deles apresenta uma dinâmica de reunião e características diferenciadas em relação aos outros.

Começo a observação pelo *Guerreiros*, composto por estudantes de diversos cursos do Campus do Pici, como os de Computação, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Física, Química, Estatística, entre outros. Ele é, talvez, o grupo que mais se aproxime do ritual apresentado pela maioria dos grupos de oração da RCC. O louvor segue a dinâmica de cânticos, palmas, gestos e danças, não parecendo haver qualquer tipo de intimidação diante da presença de outros estudantes nas salas ou cruzando pelos corredores.

Em ocasiões onde não foi possível encontrar uma sala vazia para se reunirem, os integrantes do *Guerreiros* não hesitaram em pedir licença para estudantes que já se encontravam nas salas de aula e procederam à realização do grupo, mesmo diante de

olhares curiosos ou até aparentemente incomodados com as orações e cantos em voz alta. Não faltaram convites para que pessoas que já se encontravam nas salas de aula também fizessem parte da oração.

Nos momentos de oração, verifica-se a ênfase em se interceder pelos destinos do Ministério Universidades Renovadas. Expressões como “queremos ter a ousadia de sermos bons profissionais do reino” ou “que tu, Senhor, possa fazer de nós agentes para o progresso, mas sabendo que só em ti há progresso”, são comumente ouvidas.

Verifica-se também, com frequência a intercessão pela comunidade acadêmica: estudantes, professores, funcionários são colocados em oração. Até mesmo a minha pesquisa foi, mais de uma vez, posta em pauta³. Momentos de atividade política na UFC também foram lembrados, com orações pelo término da greve de docentes e servidores, acontecida no segundo semestre de 2005 e pela consciência dos alunos para se fazer uma boa escolha nas eleições do Diretório Central dos Estudantes na Universidade .

Nos momentos de partilha, também são discutidas questões relativas ao andamento das ações do MUR no Ceará, aos eventos organizados pelo Ministério e à participação de seus integrantes em congressos do MUR nacional. Percebo que a presença do coordenador estadual do Ministério como um dos componentes mais presentes a este grupo facilita o intercâmbio de informações.

Algumas vezes, as palavras reveladas na Bíblia sugerem aos integrantes do *Guerreiros* as próximas ações a serem desenvolvidas pelo grupo. Interessante ver as construções significativas na interpretação do texto bíblico como um guia para orientar as diretrizes do grupo. Mensagens consideradas *reveladas* falam em “jogar as redes” ou “semear na aridez que é a universidade”.

No Campus da Benfica, durante o intervalo entre a primeira e a segunda metade das aulas do turno da manhã (aproximadamente entre 9 horas e 9 horas e 30 minutos) se reúne o *Ágape*⁴. Ao contrário da heterogeneidade de cursos do *Guerreiros*, o *Ágape* é formado exclusivamente por estudantes do curso de Psicologia da UFC. É o resultado da fusão de dois grupos de oração, um nascido sob influência das idéias do MUR e um outro, formado por alunos do curso que eram integrantes da associação

³ O integrante do *Guerreiros* pediu a graça divina para minha pesquisa, para que ela não fosse realizada “apenas com os olhos da razão, mas também com os olhos da fé”.

⁴ Este era o horário seguido na época da pesquisa. Posteriormente, foi modificado.

católica leiga Obra Lúmen, que apesar de possuir alguns grupos de oração, não tem vínculo formal com a RCC cearense.

A dinâmica de reunião difere profundamente dos outros grupos aqui descritos. Raramente há cânticos, manifestações como palmas e danças e em nenhum momento vi se manifestar a glossolalia ou outros dons atribuídos ao Espírito Santo. O tempo costuma ser mais curto - em torno de 20 minutos - e a estrutura mais simples: uma oração inicial, seguida de uma breve discussão sobre algum tema selecionado anteriormente e logo em seguida um pai-nosso e uma ave-maria para seu término.

Sobre esta dinâmica, destaco alguns aspectos. O primeiro é que apesar da diferença em relação a um ritual mais típico de grupos carismáticos, muitas vezes as discussões no *Ágape* corresponderam ao propósito de conciliar a fé e a razão, proposta fundamental para o MUR. Foram debatidos assuntos como bioética ou o projeto de Lei em trâmite no Congresso Nacional que descriminaliza o aborto.

Mesmo no fim do semestre, quando foi realizada uma série de abordagens sobre a vida de santos da Igreja Católica, a preferência costumou recair sobre religiosos que tiveram importância para o desenvolvimento de algum conhecimento, como a alemã Edith Stein, judia convertida ao Catolicismo que se destacou por estudos sobre fenomenologia. Discípula de Edmund Husserl, de quem chegou a ser assistente acadêmica, obteve doutorado em 1916 e após a morte, no campo de concentração de Auschwitz, ganhou fama entre os fiéis, sendo canonizada em 1987 com o título de Santa Teresa Benedita da Cruz.

Por fim, o *Balsamum*, que no Campus de Porangabuçu também reúne atualmente alunos de apenas um curso, o de Medicina, embora nos anos anteriores à minha pesquisa também tenha recebido alunos da Enfermagem e Odontologia. Nele, as reuniões também acontecem no horário reservado pelo almoço na faculdade de Medicina, que funciona em turno integral para quase todos os semestres.

Neste grupo, a música parece ter um papel que o diferencia em relação aos demais. Um dos mais assíduos é um estudante que costuma levar um violão e comandar o louvor. Impressiona o fato como a reunião se dá quase como um texto: os momentos de manifestação da palavra se encaixam com grande simetria na seqüência de cânticos entoados por ele e pelos demais.

Uma das coordenadoras do grupo manifesta com muita frequência o *dom de ciência*, revelando visões que tem ao conduzir a oração de olhos fechados e algumas

vezes interpretando-as. Após os cânticos, há o momento de partilha onde também há uma unidade, desta vez de discurso, pois a maioria dos integrantes faz questão de dizer que a oração e a presença no *Balsamum* fazem com se tenha um revigoramento para enfrentar as dificuldades do cotidiano do curso e da profissão, visto por eles como atribulado. “Um local de repouso em Deus”, como chegou a definir um deles.

Curioso foi notar que em nenhum destes grupos se verificaram ritos e práticas comuns a outros grupos de oração da RCC. Manifestações emocionais costumam ser menos intensas (apenas em uma ocasião presenciei uma estudante que chegou a chorar), não vi em instante algum as salas serem decoradas com imagens ou ícones religiosos, costume freqüente em grupos de oração nas comunidades católicas.

Quando Marcel Mauss fala nas expressões orais dos sentimentos, trata-as não como “fenômenos exclusivamente psicológicos ou sociológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação”. (MAUSS, 1979, p. 147). Para ele, os ritos orais põem em ação sentimentos e idéias coletivas.

Partindo desta premissa, como pensar que uma livre expressão das emoções ou a utilização de símbolos visuais tão comum nos ritos carismáticos seja “amenizada” quando transposta para a realidade dos grupos de oração universitários? Ao analisar a questão, parece-me haver um indício de que o “social” dos GOUs em questão leva em consideração o fato dos estudantes estarem reunidos em um ambiente laico.

Desta maneira, alguns dos aspectos mais “emocionais” da RCC seriam menos destacados nos GOUs, se “enquadrando” na realidade que eles interpretam ser condizente do espaço público dentro do qual atuam. As metas para um futuro, porém, parecem indicar um caminho de maior exposição para os grupos do MUR cearense. Pelo menos parece ser esta a vontade de boa parte dos integrantes. “O sonho é um dia tirar este GOU de dentro destas salas e fazê-lo lá embaixo daquelas mangueiras do pátio, para que todos vejam. Aí sim, vai ser uma grande evangelização”, aspira uma integrante do grupo *Balsamum*.

O modelo do profissional do reino

Começo esta análise da figura do profissional do reino a partir de algumas declarações da conselheira nacional do MUR, Ivna Sá dos Santos. Diz ela: “hoje eu trago a certeza de que realização profissional não é sinônimo de sucesso,

reconhecimento, retorno financeiro. É muito mais do que isso. É estar no lugar onde Deus me chama a estar” (SANTOS, 2004, p.223).

Em seguida, Ivna pontua que o *profissional do reino* deve vivenciar, no exercício da profissão, “os ensinamento evangélicos – não me refiro aqui simplesmente à deontologia (código de ética) de uma categoria profissional, mas a uma ética que tem como embasamento maior o Evangelho”. (idem, p.225).

Surgem, aí, aspectos fundamentais para a compreensão do termo citado. O primeiro, o de que a vocação, para o *profissional do reino*, é se colocar onde ele acredita ser o lugar que a divindade reserva para ele. O segundo, de que o retorno financeiro não é o aspecto mais importante da profissão. O terceiro, de que a ação de evangelização tem na interpretação da Bíblia a referência principal. Detalharei, então, cada um deles.

A respeito da vocação, considero importante traçar um paralelo entre o que ela representa para os católicos carismáticos do MUR e as idéias do *Beruf* ou *calling* estudada por Weber entre os protestantes europeus e norte-americanos em *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Lá, o autor fala da vocação identificada com um “trabalho profissional mundano, sem descanso, continuado, sistemático, como o meio ascético simplesmente supremo e a um só tempo comprovação mais segura e visível da regeneração de um ser humano e da autenticidade de sua fé” (WEBER, 2004, pp. 156-7).

É possível falar que para o MUR o exercício profissional também ganha uma valorização religiosa. Mas acredito que esta seja a única semelhança no que diz respeito à vocação vista pelas correntes protestantes investigadas por Weber. Para os carismáticos estudados, o trabalho não é o meio, por excelência, de se certificar da graça – e dificilmente poderia sê-lo, uma vez que a Igreja Católica não toma, de modo algum, este significado para o exercício profissional – mas, sim o cumprimento de uma vontade de Deus (que distribui dons para cada um) voltada para o bem da comunidade.

“Acredito que o profissional católico deve, em cada área, pesquisar como contribuir para a sociedade, potencializar seus dons para o bem comum. A preocupação maior deve ser com o coletivo”, diz Maurício, integrante do GOU *Guerreiros* e estudante de Computação da UFC. O que se vê, portanto, é uma idéia de uso dos dons de cada um para benefício da sociedade.

Não por coincidência, uma idéia bastante próxima de um dos livros bíblicos mais referenciadas pelos carismáticos: a já citada Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, o que aproxima, também a idéia de vocação profissional a um dom ou carisma concedido por Deus. “No meu trabalho como psicólogo estarei sendo um instrumento de cura, do amor de Deus pelos homens”, acredita Flávio, do GOU *Ágape* e estudante de Psicologia da UFC.

Nota-se, portanto, que a mesma lógica utilizada para a distribuição dos diferentes carismas na comunidade é também usada para explicar a distribuição das vocações profissionais na sociedade. O que só reforça a importância da formação religiosa nas comunidades católicas: ela gera conceitos que influenciam na visão de mundo e ultrapassam as fronteiras do convívio do grupo religioso. Como diz Júlia Miranda: “a ética e conduta própria às relações comunitárias deverão ser estendidas a toda a sociedade” (MIRANDA, 1999, p. 130).

Quanto ao retorno financeiro, cabe dizer que ele não é visto como negativo, mas como uma consequência do bom exercício profissional ou mesmo um aspecto secundário da profissão, diante da possibilidade de uso dos dons para a comunidade. No discurso dos integrantes do MUR, o lucro econômico não ganha lugar prioritário. “Um médico que agir como *profissional do reino* vai procurar mais o bem do próximo, agir com uma visão mais humanista. Não vai querer tomar atitudes para receber algo em troca”, defende Cristina, estudante de Medicina da UFC e integrante do *Bálsamum*.

É difícil, para este trabalho, supor se em um futuro exercício profissional realmente tais valores serão ou não aplicados. Mas o conflito entre o ideal do *profissional do reino* e a realidade capitalista, vista como um universo de valores cristãos deteriorados, me parece próximo do que Michael Löwy (2000) chama de *afinidade negativa* entre Catolicismo e capitalismo.

Esta possível afinidade negativa indica, ainda, uma relação conflituosa entre a ética defendida pelo *profissional do reino* e uma sociedade regida pela chamada “ética do consumo”, conforme a definição de Ortiz (1994). O hedonismo, o consumismo, os choques entre o poder das mensagens publicitárias e os valores cristãos são tidos como elementos do *mundo* – expressão usada pelos carismáticos que ganha significado muito próximo do que é o *profano* para Émile Durkheim (2000).

Quanto ao terceiro aspecto, destaco que a Bíblia serve como fonte principal para um referencial ético adotado pelos integrantes do MUR e que fundamenta suas ações

de evangelização. Tal referencial é base para a discussão de assuntos que vão, desde a política e sexualidade, até a bioética e o uso das tecnologias para inclusão social.

Interessante ver que nos momentos de oração, surgem palavras *reveladas* que são interpretadas como diretrizes para ação. Foi o caso de uma oração em que a um membro do *Guerreiros* foi revelado um trecho do Evangelho que falava da pregação de João Batista no deserto. Entre os estudantes do GOU, esta mensagem foi interpretada como um desejo divino para que passassem, com mais ênfase, a serem pregadores no “deserto” que era a universidade.

Esta visão sobre a universidade, aliás, é marcante nos discursos de diversos integrantes. O ambiente acadêmico é identificado como desafiador, pois ao mesmo tempo em que é estratégico – “é aqui onde estão se formando os futuros líderes da sociedade, os futuros parlamentares”, resume o coordenador estadual do Ministério – é também tido como um universo de materialismo, consumo de drogas, de aspectos do *mundo*. Isto, por conta de jovens “que não vivenciaram, ainda, a experiência com Deus”, como dizem eles. “É um desafio evangelizar neste meio hostil”, diz Alberto, estudante de Química da UFC e membro do *Guerreiros*.

Nota-se que o modelo de ética profissional adotado é fortemente influenciado por traços de um *ethos* católico carismático, que reflete a formação religiosa da RCC, em seus grupos de oração e comunidades. A universidade é tida como o *mundo*, um local onde pouco se valorizam os valores cristãos, a castidade, a espiritualidade, todos itens que devem estar presentes na conduta de um jovem carismático – e de um *profissional do reino*, por conseqüência.

Uma utopia transformadora

A proposta do *profissional do reino* é ampla: transformar toda uma sociedade à luz do Evangelho. É o ideal presente nas palavras de Ivna Sá dos Santos que diz:

“Como seria diferente! Como seria uma aula ministrada por um professor cheio de fé? Como seria andar pelas ruas da universidade e se deparar com irmãos e irmãs que haviam abraçado a mesma fé? Como seriam as pesquisas e os projetos de extensão se fossem baseadas nos princípios do Evangelho?” (SANTOS, op.cit., p.61).

Durante o I CEUCC, promovido em março de 2006 pelo MUR, no auditório do Centro de Tecnologia do Campus do Pici, este objetivo ganhou traços ainda mais evidentes. O coordenador estadual do MUR assim colocou:

Cerca de 80% dos nossos políticos possui nível superior completo e, no entanto, vemos as coisas como elas estão. É nossa obrigação estarmos em todos os lugares privilegiados da cultura, nas universidades, laboratórios, nas pós-graduações, sermos professores. É um trabalho de longo prazo, mas ainda vamos ter representantes no Congresso Nacional. Vamos ocupar nosso lugar nas empresas, corporações e serviços.

Como realizar porém, esta utopia de transformação social, de alcance tão amplo? De que mecanismos os carismáticos podem dispor para realizá-la? Começo minha reflexão traçando um paralelo entre o MUR e uma vertente do Cristianismo de Libertação com maior afinidade ao tema aqui desenvolvido: o movimento estudantil católico universitário, representado pela Juventude Universitária Católica (JUC).

Este movimento, com o tempo foi ganhando características de radicalização, ligada às práticas sociais, culturais e políticas dos ativistas católicos. Entre elas a “participação no movimento estudantil, muitas vezes em aliança com a esquerda secular, apoio às lutas sociais e compromisso com a educação popular” (LÖWY, op. cit., p.139).

Se tais elementos podem caracterizar a ação da JUC e de atividades como a Pastoral Universitária, que tipo de comparação seria possível traçar entre ela e um movimento como o Ministério Universidades Renovadas, igualmente formado por estudantes universitários leigos, com objetivos aparentemente semelhantes e pertencentes a uma mesma Igreja Católica? A despeito destas semelhanças, o que a pesquisa junto aos integrantes do MUR cearense tem demonstrado é que a identificação com estas práticas da JUC citadas no parágrafo anterior é mínima.

Entre os estudantes pesquisados, verifiquei pouca afinidade com o movimento estudantil nas suas universidades ou com um compromisso partidário: raras são as referências são feitas a atividades estudantis que não sejam as do próprio MUR. A única oportunidade até o momento em que pude verificar uma menção ao movimento estudantil ainda foi marcada por referências extremamente negativas.

Durante a última eleição para o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFC, um dos integrantes de grupo de oração universitário pediu para “que Deus os ilumine e que passem a representar os interesses reais dos estudantes”, complementando a oração com o pedido de “misericórdia para os que utilizam o DCE para interesses políticos externos, para benefícios próprios”.

Em seguida, reclamou dos interesses de todas as chapas concorrentes em instrumentalizar o poder. “Cada uma delas representa uma tendência, uma é ligada ao PT, outra ao PC do B, outra ao PSTU, uma outra ao P-Sol. Todas estão defendendo suas posições partidárias e fugindo do foco que é defender o interesse dos estudantes”, afirmou ele, em um discurso que denota, ainda, a descrença nos representantes destes partidos da esquerda brasileira em bem representarem os universitários.

Projetos de cunho social ainda não se verificam no MUR cearense, com esta atividade restrita, até então, a visitas a entidades beneficentes organizadas por seus integrantes. Mesmo em estados onde o MUR existe há mais tempo, ações desta natureza costumam ser voltados a iniciativas como os trotes solidários com doações de roupas e alimentos, ou outros projetos de “promoção humana”, como cursos de capacitação e supletivos gratuitos para comunidades de baixa renda. Ações de postura totalmente diferente da idéia da educação popular apoiada pelas pastorais do meio universitário.

No tocante a um envolvimento político-partidário ou junto ao movimento estudantil, não percebi nenhum traço que permita identificar o MUR do Ceará com alguma agremiação partidária ou candidato específico. Nem mesmo o primeiro turno das eleições de 2006 chegou a provocar uma mobilização mais incisiva por parte dos integrantes, embora algumas lideranças chegassem a apontar um apoio à candidatura de Paulo Mindêllo, atual coordenador do Ministério de Fé e Política da RCC cearense, a deputado federal pelo Partido Socialista Brasileiro.

Vi, entretanto, uma mobilização em favor do abaixo-assinado eletrônico coordenado pelo Universidades Renovadas em nível nacional, contra o projeto de Lei em tramitação no Congresso Nacional que descriminaliza o aborto. “Tomei a iniciativa, inclusive, de repassar o abaixo-assinado, via *e-mail*, a vários colegas da faculdade, para que tenham atenção ao fato. Os políticos têm a mania de deixar temas polêmicos às escuras. Mas nós, católicos, não podemos deixar isto passar em branco”, defende Cristina, do *Balsamum*.

“Se os políticos tivessem uma *experiência com Deus*, iriam levar em conta não só um suposto bem-estar de quem aborta, mas a valorização da vida que está sendo gerada”, argumenta Maurício, do *Guerreiros*, que completa: “o parlamentar que quiser me representar, que vote contra”.

Diante de tais fatos, talvez fosse o momento de questionar: que tipo de ação política, “transformadora”, poderia propor um movimento tão pouco afeito às políticas estudantis e partidárias? Que dimensão utópica poderia ter um projeto que pouca ou nenhuma identificação tem com o que nos últimos anos tem se classificado como “movimentos populares” no Brasil?

Os ideais do MUR podem ser classificados como uma utopia política, no sentido de transformação social à luz da fé católica carismática. Quanto a isto, é importante ressaltar que os problemas da universidade parecem surgir como um reflexo de uma sociedade corrompida – seja na política, na economia, na moral – e que deve ser modificada com base no Evangelho.

Mas ficaria uma pergunta: como se daria uma proposta de ação transformadora na universidade fora do âmbito político-partidário? A meu ver, a ação do MUR é fortemente embasada em uma forma de *exemplarismo*. O mais forte instrumento de evangelização é o *testemunho de vida*: manter um comportamento dentro da referência ética do Cristianismo, de modo que ele possa influenciar os demais colegas da academia e, em um futuro, os diversos segmentos da sociedade.

“Nunca fui de ficar fazendo campanha para converter as pessoas ou ficar chamando colegas para meu grupo de oração. Mas percebo que a visão que eles têm de mim tem algo de diferente: me vêem como uma pessoa mais ética”, afirma Néelson, do GOU *Ágape*, estudante de Psicologia da UFC.

Talvez esta via de “ser exemplo para a sociedade” – ou, na alusão ao Evangelho, ser “luz do mundo” – seja a alternativa possível encontrada pelos universitários do MUR para uma tentativa de realizar o “sonho⁵” de ter as universidades brasileiras renovadas. Uma transformação que, diga-se de passagem, parece representar uma postura contrária à idéia de mudança “a partir das bases” do Cristianismo de Libertação, ou seja, a partir das classes de posição inferior na estrutura da sociedade.

A “transformação” do MUR pode ser vista como uma mudança social de “cima para baixo”, de universitários que, conscientes de seu papel de uma elite diferenciada na sociedade, podem exercer uma conduta profissional mais ética e honesta que alguns de seus colegas e influenciar o conjunto da sociedade com esta postura.

⁵ Este termo é frequentemente usado pelos integrantes do MUR. Sua origem remonta à idéia de “sonho” de que o Projeto chegasse a todas as universidades brasileiras, por parte de Ivna Santos, hoje conselheira nacional do Projeto e já citada neste trabalho.

Considerações finais

O *ethos* carismático coloca, conforme já foi explicitado aqui, a sociedade – e a própria universidade, setor importante desta última – como impregnada de valores mundanos. A meu ver, uma visão de mundo decorrente disto seria a de uma idéia de “pecado” associada ao exercício profissional.

O pecador, no caso, seria aquele que se deixa corromper pelo *mundo*, e se conduzir por uma ética duvidosa aos olhos de uma fé católica carismática. “O jornalista que recebe *jabá*⁶, o psicólogo que quer dominar a vida do outro, aquele que seleciona alguém em uma entrevista de emprego com base em critérios escusos, todos caíram em tentação”, reforça Ítalo, estudante de Psicologia da UFC e membro do *Ágape*.

Esta noção de um “pecado profissional” é um dos pontos de articulação mais claros entre um *ethos* católico carismático e um *ethos* profissional, retratado na idéia do *profissional do reino*. Em alguns casos, ela chega mesmo a refletir itens de uma identidade jovem carismática tal como aqui abordamos.

É o caso de Sandra, estudante de Publicidade da UFC e que integra um grupo de oração na comunidade Shalom. Ao falar de como a formação religiosa poderia influenciar seu exercício profissional, ela pontuou: “influencia bastante. Eu jamais farei uma propaganda de camisinha, por exemplo”. Quando indagada pelo pesquisador sobre o que faria se esta postura pudesse representar algum prejuízo para ela perante um empregador, ela não hesitou em falar que sairia de uma agência em que não tivesse esta opção de escolha.

Sandra, que estagia na agência de comunicação da própria comunidade Shalom, foi ainda mais além: revelou que seu ideal profissional é ter, no futuro, uma agência de publicidade em que seus colegas “tivessem a mesma visão que ela” – a respeito da fé e valores cristãos no caso. É sobre questões como esta que enxergo algo que pode dificultar uma amplitude maior para uma tarefa de evangelizar toda uma sociedade, trazida pelo *profissional do reino*.

A questão, no caso é uma espécie de intolerância religiosa, que tem como conseqüência, muitas vezes, a auto-segregação dos carismáticos em comunidades e grupos de oração. Tal tendência de comportamento já foi apontada por Júlia Miranda (op. cit.) e parece ser uma explicação plausível para fenômenos entre a juventude

⁶ Expressão do jargão jornalístico associada a suborno com fins de favorecer interesses do entrevistado.

católica carismática, como o fato de a maioria dos relacionamentos amorosos se iniciar dentro do âmbito dos grupos de oração, entre os próprios integrantes.

De certa maneira, o assunto do isolamento no interior da comunidade já está presente em Weber, quando este aponta que o fiel de uma corrente em que as metas de salvação são amplas e interiorizadas tende a “aproximar-se do salvador, do profeta, do sacerdote, do padre confessor, dos irmãos de fé” (WEBER, 1982, p. 377). No caso da RCC, tal conduta dá margem a imaginar uma certa dificuldade de, na prática, se levar à frente um projeto que pretende atingir toda uma sociedade.

Mesmo no caso dos GOUs, que funcionam como *grupo aberto*, geralmente costumam ser convidadas pessoas que já são ou foram integrantes de comunidades da RCC. Nos três grupos que pesquisei, entre os integrantes mais presentes encontrei apenas dois com perfil diferente: no *Ágape*, um membro de pastoral da Juventude; no *Guerreiros*, uma estudante que afirmou ser este grupo o único em que participou em toda sua vida.

Pude presenciar, inclusive, uma reunião do *Guerreiros* em que um dos integrantes propôs que, no caso de uma expansão do Ministério no Ceará, se desse prioridade para convidar “apenas pessoas que já tivessem feito Seminário de Vida no Espírito Santo”. Apesar dela ter sido rejeitada pelos demais, pude perceber que o assunto gerou polêmica entre os participantes, sendo que alguns, inclusive, chegaram a prometer refletir sobre a idéia.

Ainda que tal idéia não vingue, já pude perceber que a prioridade para se iniciar GOUs, para dar seqüência ao trabalho deles, para se convidar mais estudantes aos grupos já formado recai sobre integrantes de comunidades carismáticas. Tais fatos refletem o que Danielle Hervieu-Léger (2005) chama de tensão entre as dimensões ética e comunitária da identificação religiosa: a tensão entre uma mensagem universalizante – no caso o ideal de levar a palavra de Deus a toda a comunidade acadêmica – e o “fechamento comunitário” do grupo – visto ao se observar que raros são os integrantes deste Ministério, de intenções tão amplas, que não pertencem à RCC, um movimento muito específico da Igreja Católica.

Este parece ser um grande desafio – ou mesmo uma barreira – à concretização das intenções do MUR: sair dos limites do grupo de oração da comunidade religiosa restrita para poder cumprir as missões que são seu objetivo, o de realizar o “sonho” de uma universidade modificada pela fé. Uma “fé” extremamente particular, relacionada a uma corrente específica do Catolicismo, diga-se de passagem.

BIBLIOGRAFIA

- DURKHEIM, É. 2000. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. 2ª ed.. São Paulo: Martins Fontes.
- HERVIEU-LÉGER, D.. 2005. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva.
- LÖWY, M.. 2000. *A guerra dos deuses – religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes.
- MAUSS, M.. 1979. *A expressão obrigatória de sentimentos*. In: *Marcel Maus: antropologia*. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, São Paulo: Ática.
- MIRANDA, J.. 1999. *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- ORTIZ, R.. 1994. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- SANTOS, I. S.. 2004. *Dai-lhes vós mesmos de comer: um livro histórico e testemunhal do Projeto Universidades Renovadas*. Belo Horizonte: Projeto Universidades Renovadas.
- WEBER, M.. 2004. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras
- _____. 1982. *Rejeições religiosas do mundo e suas direções*. In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.